

RESENHA
THE GEOTOURISM INDUSTRY IN THE 21st CENTURY: the origin, principles, and futuristic approach (2020)

Leandro Baptista¹, Diego Geovan dos Reis²

¹Universidade Estadual de Ponta Grossa
Departamento de Turismo – DETUR/UEPG
Praça Santos Andrade, 01, Campus Central, Bloco A - Sala 25 - 1º andar, Centro, Ponta
Grossa - PR, CEP: 84010-919 – Brasil
E-mail: lbaptista@uepg.br

²Universidade Estadual de Ponta Grossa
Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGeo/UEPG
Av. General Carlos Cavalcanti, 4748 – Campus Uvaranas, CIPP, Ponta Grossa – PR, CEP
84030-900 – Brasil
E-mail: diego.gdosreis@gmail.com

Recebido em 20 de março de 2021, Aceito em 14 de maio de 2021

<https://doi.org/10.26512/2236-56562021e40261>

Geodiversidade, geoconservação, geoturismo, geopatrimônio e geoeducação, esses são os principais conceitos que permeiam esta obra. Publicado apenas em inglês pela editora Apple Academic Press (2020), o livro *The Geotourism Industry in the 21st Century: the origin, principles, and futuristic approach* (561 páginas) congrega uma rica pluralidade de abordagens de alguns dos mais renomados pesquisadores da área da geodiversidade e do geoturismo, como Thomas A. Hose, Murray Gray, Ross Dowling, William Witherspoon, Emmanuel Reynard, entre outros autores latino-americanos, norte americanos, europeus e asiáticos que apresentam estudos de caso e análises sobre a temática bem como apontamentos futuros para o segmento. O organizador, Prof. PhD Bahram Nekouie Sadry possui longa experiência em estudos e consultoria sobre geoturismo e geodiversidade, tendo publicado livros científicos e didáticos sobre o tema e conduzido cursos de treinamento de guias de turismo em seu país.

O livro está dividido em cinco partes. Na primeira, quatro capítulos analisam conceitos sobre o geoturismo no século XXI, com dois capítulos que expressam a gênese e as implicações do segmento e outros dois com a aplicação prática de suas características. Em seguida, quatro textos se dedicam a avaliar o geopatrimônio, com destaque para a metodologia de manejo do patrimônio geológico produzida pelo Geopark de Azores, em Portugal. A terceira parte visa aproximar os conceitos e técnicas de interpretação ambiental para o patrimônio geológico e mineralógico, ressaltando o papel educativo e interativo das atividades abertas à visitação de modo atraente em cinco estudos de caso em diferentes

regiões dos Estados Unidos. Na quarta parte, intitulada *Geoparques e desenvolvimento comunitário: uma base para a promoção do geoturismo*, três capítulos discutem formas de inserir a comunidade no planejamento do geoturismo e um aborda o importante papel do voluntariado para a consecução de projetos. Por fim, a última parte aponta tendências e possibilidades para o futuro do segmento, por meio de seis capítulos.

A construção técnica do livro marca a significativa qualidade inerente ao longo de todos os vinte e três capítulos que formam a obra. Para exemplificar, o conceito de geoturismo que é considerado um assunto recente na maioria de artigos publicados, é detalhado ao longo de setenta páginas que sustentam o capítulo dois, de autoria de Thomas A. Hose, pesquisador considerado o pai do geoturismo, por meio de levantamento de documentos, relatos de viagem, leis, programas e iniciativas da Europa, Ásia e América do Norte, que são detalhados e analisados profundamente.

Sadry possibilita que os leitores tenham uma abordagem conceitual que perpassa desde o turismo geológico dos séculos XVI e XVII até as definições contemporâneas de geoturismo. São citados diversos nichos de geoturismo que passaram a existir ao longo dos últimos 15 anos, como o geoturismo urbano, geoturismo de minas e de cavernas, geoturismo termal, “*dinosaur geotourism*”, geoturismo submarino, entre outros novos e intrigantes termos como geoturismo espacial e celestial. O autor enfatiza também a criação dos geoparques da UNESCO como territórios palco da atividade geoturística, fazendo, contudo, uma clara distinção entre geoparques e geoturismo para que não sejam vistos como sinônimos.

O Brasil é abordado diretamente em um capítulo, que discute o Patrimônio Mineralógico, com estudos de caso em Ouro Preto, Diamantina, Chapada Diamantina, Ametista do Sul, Pedro II, Currais Novos e Itu, sob os vieses social, cultural, geocientífico e geoturístico, objetivando validar estes espaços enquanto pontos de interesse para a estruturação do geoturismo, ao utilizar tanto objetos fixos (locais de mineração) quanto móveis (documentos, objetos, ferramentas) para facilitar o entendimento de visitantes. Além deste, o país é citado no texto sobre *Geoparks da América Latina* (capítulo 17) e enquanto local que abriga “destinos imperdíveis” de geoturismo (capítulo 8).

Ao destacar os dois tradicionais conceitos de geoturistas, os casuais e os dedicados, e visando demonstrar a potencialidade da interpretação ambiental para ambos os perfis, há uma elucidação sobre preceitos, interfaces e possibilidades da interpretação, enquanto uma ferramenta que facilita o entendimento das características principais do geoturismo, seja em geotrilhas, minas em atividade e/ou desativadas, tendo por base painéis interpretativos, guias

e livros publicados. Especificamente sobre os painéis, são apresentadas formas de construí-los, materiais, proporções, relação entre texto e imagens, etc.

No que tange ao envolvimento comunitário, tido como grande diferencial frente ao turismo de massa, a quarta parte mescla ameaças, exemplos bem e mal sucedidos para encontrar um ponto de equilíbrio e sustentabilidade entre visitantes, destinos e comunidade local. Tomando por referência os Geoparques e sua função turística, apoia-se fundamentalmente na comunidade enquanto atuante no processo de planejamento, execução e promotora de cultura nestes espaços. Além da comunidade enquanto produtora do turismo visando sua sustentabilidade econômica, também há um destaque sobre o papel dos voluntários, detalhando de que forma os alunos de escolas locais podem representar um reservatório de criatividade e energia que estimulam o desenvolvimento comunitário por meio de um maior engajamento social, que por sua vez, proporciona impactos positivos também no desenvolvimento dos geoparques.

Tomando por referência as possibilidades de engajamento comunitário, os autores comparam dois geoparques japoneses, o primeiro, localizado na península de Izu, destino popular para moradores de Tóquio devido suas águas termais, atraindo o turismo de massa e também seus impactos negativos. Este local sofre com o despovoamento dos setores oeste e sul, desinteresse da comunidade pela geoconservação, excessiva atuação do governo e pouca participação dos moradores locais no processo de planejamento do geoturismo. Por sua vez, o geoparque da península de Kunisaki, é considerado um GIAHS, acrônimo em inglês para “Sistema do Patrimônio Agrícola Globalmente Importante” e sua utilização turística está fundamentalmente apoiado na comunidade que voltou a ocupar a região para moradia. Nessa área, o sistema milenar de represamento de água, juncos utilizados em tapetes e a produção de cogumelos são elementos utilizados para explicar o complexo e dinâmico sistema da paisagem, que pode ser atrativa tanto pelos aspectos culturais quanto naturais.

De modo mais lúdico, são apresentados dois capítulos que ajudam a inspirar o planejamento de viagens para destinos geoturísticos. O primeiro, escrito por Murray Gray estabelece um método para classificar destinos que melhor expressam a geodiversidade global, sugerindo uma lista com 10 lugares representativos para estimular a promoção geoturística na mídia. Os critérios considerados por Gray são: impacto visual, qualidade do local, potencial educacional, acessibilidade razoável, que não possuam as mesmas características entre locais elencados, que representem a geodiversidade do mundo e que sejam incluídos geossítios de todos os continentes. Sua lista inclui as Cataratas do Iguazu ou Victoria Falls, Grand Canyon, Grande Barreira de Corais, Carste do sul da China à Baía de

Ha Long (Vietnã), Yellowstone, Uluru, Alpes da Suíça Central, Cal Orcko, rota do Círculo Dourado (Islândia) e Table Mountain ou Rio de Janeiro. Ciente de que seu texto possa soar frívolo ou subjetivo, o autor cita que a lista não é definitiva e salienta que slogans relacionados à “7 maravilhas do mundo” ou “lugares para conhecer antes de morrer” são importantes estratégias para dar visibilidade aos locais listados, podendo assim, contribuir com a divulgação destes destinos.

O segundo capítulo trata de utilizar os dinossauros, animais que despertam interesse de diversos perfis de visitantes, densamente fundamentado com estatísticas de fluxo de turistas em diferentes países traçando seu paralelo com o momento de “antes e depois” da descoberta de sítios paleontológicos. A autora faz um breve detalhamento sobre três tipos possíveis de geoturismo de dinossauros: “cemitério de dinossauros”, onde o visitante pode observar *in situ* esqueletos ou partes, áreas onde existem ninhos e/ou ovos e locais que conservam pegadas. Com uma abordagem conjunta entre poder público e iniciativa privada, Nathalie Cayla discorre sobre investimentos aplicados em centros de visitantes, total de empregos gerados através do geoturismo, receita arrecadada e a capacidade de ampliação de destinos turísticos aquém daqueles já densamente frequentados.

Para as perspectivas futuras, tema que encerra a obra, aponta-se a necessidade de tornar o geoturismo amplamente acessível a todos, ressaltando que os turistas com necessidades especiais são excluídos da possibilidade de experienciar diferentes formas de atividades geoeducativas e geoturísticas. Em seguida, com um texto de vanguarda, há uma proposta de expandir o limite entre o que é considerado geoturismo atualmente, com a divisão em tipos de oferta, chamados de “turismo espacial terrestre” para destinos onde ocorre a observação celeste e em geossítios secundários, como planetários e centros de lançamento e o “geoturismo celestial”, que ocorrerá em voos orbitais e suborbitais. É também marcante a preocupação com a sustentabilidade desta nova forma de fazer geoturismo, uma vez que os lançamentos de foguetes geram destroços espaciais, há uma grande necessidade de combustível, as espaçonaves deixam partículas de carbono na estratosfera que demoram dez anos para sumir e o engajamento de geólogos para auxiliarem no reconhecimento, localização e interpretação de locais propícios para a observação astronômica por amadores, tanto em solo quanto no espaço. Desta forma, o capítulo aborda o geoturismo sob uma perspectiva futura e possivelmente real para os visitantes nos próximos anos.

A obra *The Geotourism Industry in the 21st Century: the origin, principles, and futuristic approach*, carrega significativa importância para pesquisadores e profissionais das áreas de turismo, geografia e geologia, podendo, ainda, contribuir em outros campos como a

economia local e sustentável. Ao longo do texto é possível conhecer todo o enlace histórico do geoturismo, bem como aprofundar a noção sobre os conceitos de geodiversidade e geoconservação. Além disso, o livro apresenta diversos exemplos de como o geoturismo vêm contribuindo significativamente para a educação em geociências e para a economia dos locais nos quais é desenvolvido. A todos os interessados nessa temática, essa obra se apresenta como uma das mais atualizadas e completas fontes de pesquisa e inspiração.

Referência Bibliográfica

SADRY, Bahram Nekouie (ed.). **The Geotourism Industry in the 21st Century: the origin, principles, and futuristic approach**. Burlington: Apple Academic Press, 2020, 561 p. ISBN: 978-1-77188-826-4